

GRAMSCI E A REVOLUÇÃO CULTURAL

Nélson Carvalho Marcellino

Pós-Graduação em Filosofia – PUCCAMP

“O Campo da luta pela criação de uma nova civilização é absolutamente misterioso, totalmente caracterizado pelo imprevisível e pelo imprevisto. Uma fábrica que passa do poder capitalista ao poder operário continuará a produzir os mesmos objetos materiais que produz atualmente. Mas de que maneira e sob que formas nascerão as obras poéticas, dramáticas, românticas, musicais, pictóricas, dos costumes e da linguagem?”

(Antonio Gramsci — 1921.)

INTRODUÇÃO

Caracterizar a arte e a comunicação social revolucionárias segundo Gramsci; procurar estabelecer os níveis de autonomia dessas manifestações, do plano cultural, com relação a outras manifestações desse plano, e sua relação com a estrutura; verificar o papel dos intelectuais envolvidos nessas manifestações, sua postura e condições de intervenção na reforma intelectual e moral. São estas algumas expectativas que pretendo responder com este trabalho, centrado sobretudo no processo educativo fora da Escola e do Partido Político, ainda que algumas ligações sejam estabelecidas com estas instituições, enquanto necessárias para o entendimento da Revolução Cultural no seu todo.

O texto tem como pressuposições alguns conceitos fundamentais do pensamento gramsciano, como “hegemonia”, “bloco histórico” e “intelectuais”, que, portanto, não são aqui definidos ou explicitados.

Na primeira parte do trabalho procuro fazer um breve apanhado do resgate do plano cultural como frente de luta, ou seja, verificar o porquê de uma Revolução Cultural e suas ligações com o estabelecimento de uma nova sociedade.

Na segunda parte, o objeto de análise é a própria Revolução Cultural, em suas características, seus agentes e suas bases.

Chamo a atenção para as dificuldades de síntese de um tema tão amplo e difuso na produção de Gramsci. Assim, corro o risco de inter-

pretações baseadas em aspectos parciais do pensamento gramsciano sobre a Revolução Cultural, que podem não corresponder ao todo de sua visão com relação a esse assunto.

I – O PLANO CULTURAL RESGATADO

Os escritos de Gramsci são marcados por uma estreita vinculação entre sua prática — ação e seu pensamento — teoria, depurados pelo isolamento no cárcere. Essa característica geral é observada sobretudo no domínio das atividades culturais. Aos seus dez anos como estudante, seguiu-se o período de crítico de arte (teatro e literatura), de ativo jornalista político e, durante toda sua vida, mesmo na prisão, não deixou de manter contato com a produção cultural, especialmente a literatura. Gramsci situa-se, no materialismo histórico, como o grande responsável pelo resgate do valor do plano cultural, ou seja, pela percepção de que o componente de persuasão — no sentido de impor os valores culturais e morais da classe dominante — desempenha papel importante na sua “hegemonia”. Suas reflexões, calcadas nas experiências vividas, na observação e na análise de diversos autores são, por via de regra, consolidadas em diretrizes para o estabelecimento de uma política cultural¹.

Os objetivos dessa política situam-se em duas frentes interligadas: uma de derrubada da ideologia dominante, e outra de reconstrução. Em síntese, o que se busca em ambas as frentes é a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, tendo em vista uma sociedade que obedeça, como observam Coutinho e Konder, não só uma economia planificada e socializada, mas uma nova cultura, uma comunidade humana real e autêntica². Para tanto é necessária uma reforma intelectual e moral, ou, em outras palavras, uma Revolução Cultural.

Desde cedo Gramsci soube compreender as potencialidades da arte e das atividades culturais em geral para uma revolução no plano das idéias. Já no início de sua militância como crítico de arte escrevia que “Pirandello é um membro das tropas de choque (um ardito) do teatro. Suas peças são outras tantas granadas de mão que explodem no cérebro dos expectadores e produzem o colapso da banalidade, a ruína de sentimentos e idéias”³.

Esse resgate do plano cultural é que confere especial importância, no pensamento gramsciano, ao papel a ser desempenhado pelos intelectuais na sua ligação orgânica com o povo, tendo em vista a reforma intelectual e moral necessária para o estabelecimento de sua hegemonia enquanto classe. Assim, entre os intelectuais e os “simples” deve haver a mesma unidade que entre teoria e prática, ou seja, o contato entre ambos é funda-

mental, pois nessa interação encontra-se a base para a nova cultura⁴. Nessa perspectiva deve ser entendida a colocação de Gramsci segundo a qual “o fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato ‘filosófico’ bem mais importante e ‘original’ do que a descoberta por parte de um ‘gênio filosófico’, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais”⁵. Para Gramsci, na minha opinião, conduzir a multidão a pensar de modo coerente e unitário, não significa massificar — isto é, o inculcar puro e simples de “verdades” estabelecidas “acima de”, a estereotipagem das reações e da conduta do povo —. Assim, ao contrário do que acontece numa sociedade baseada na exploração, a criação da nova cultura não deve ficar restrita a descobertas “originais” para o domínio de uma elite intelectual, mas sim procurar difundir-las criticamente, socializá-las. Busca-se forjar um novo bloco intelectual-moral, ou seja, a possibilidade para o progresso intelectual da massa e não de pequenos grupos privilegiados⁶.

Entretanto, o resgate do plano cultural, não significa o abandono dos planos econômico e político, como frentes merecedoras de análise e de ação. Ao questionar as possibilidades da elevação civil das camadas mais baixas da sociedade, através de uma reforma cultural, sem que seja precedida por uma reforma econômica Gramsci não desvincula uma esfera da outra. “Uma reforma intelectual e moral não pode deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica. E mais, o programa de reforma econômica é exatamente o momento concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral”⁷. Ainda nesse sentido, enfatiza “a importância que tem o ‘momento cultural’ também na atividade prática (coletiva): todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo ‘homem coletivo’, isto é, ele pressupõe a obtenção de uma unidade ‘cultural social’ pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, se solidificam na busca de um mesmo fim, sobre a base de uma idêntica e comum concepção do mundo (geral e particular, atuante transitoriamente — por meio da emoção — ou permanentemente, de modo que a base intelectual esteja tão radicada, assimilada e vivida que passa se transformar em paixão)”⁸. Reforça, assim, a necessidade da “obtenção coletiva de um mesmo clima cultural” para modificações profundas no plano social. Por isso mesmo, como bem depreende Maria-Antonietta Macciocchi, a Revolução Cultural não pode ficar sujeita ao amadurecimento dos fatores econômicos, pois a reforma intelectual e moral por ela pretendida, poderá até preparar condições para mudanças infra-estruturais⁹.

II — A “PEDAGOGIA” DA REVOLUÇÃO CULTURAL

A conquista da hegemonia cultural de um grupo social e sua manutenção é sobretudo uma questão “pedagógica”. Como e através de

que canais essa relação educativa se processa ? Quais as possíveis contribuições das várias organizações da Sociedade Civil nesse processo ? Quais as bases em que se fundamenta essa "pedagogia" ?

O partido político como organizador

Gramsci sublinha a importância e o significado dos partidos políticos como elaboradores e difusores das concepções do mundo¹⁰. Reconhece, pois, como parte importante do partido político, a que deverá ser dedicada à questão cultural, ou seja, à reforma intelectual e moral, na procura de uma nova concepção do mundo. "O moderno príncipe deve e não pode deixar de ser o propagandista de uma reforma intelectual e moral, o que significa criar o terreno para o desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular, no sentido de alcançar uma forma superior e total de civilização moderna¹¹. Ao caracterizar o partido como o organizador da Revolução Cultural, o autor não deixa de levar em consideração que outros organismos da sociedade podem desempenhar essa tarefa "pedagógica", admitindo que, em determinadas circunstâncias, jornais, revistas e outras organizações devem ser "partidos", "frações de partido" ou "funções de um determinado partido"¹².

A busca de uma "escola unitária"

Analisando os outros organismos da sociedade, nas suas funções culturais, Gramsci caracteriza a escola — em todos os seus níveis — e a igreja, como "as duas maiores organizações culturais em todos os países, graças ao número de pessoal que utilizam", mas não deixa de observar a "cisão entre as massas populares e os grupos intelectuais, inclusive os mais numerosos e mais próximos à periferia nacional, como os professores e os padres"¹³. No entanto, a relação pedagógica, no seu modo de entender, "não pode ser limitada às relações especificamente escolásticas, através das quais as novas gerações entram em contato com as antigas e absorvem as suas experiências e os seus valores historicamente necessários, 'amadurecendo' e desenvolvendo uma personalidade própria, histórica e culturalmente superior. Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo o indivíduo com relação aos outros indivíduos, bem como entre camadas intelectuais e não-intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos do exército. Toda relação de 'hegemonia' é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais"¹⁴.

Ao conceber a educação como um processo tão amplo, que extrapola os limites da Escola e do Partido, os agentes da Revolução Cul-

tural se confundem com a totalidade da sociedade civil disposta a se vincular organicamente aos "simples", aos portadores da cultura popular, da qual deverão partir para buscar a sua elevação. Todavia, Gramsci não coloca nenhuma oposição entre a escola e a cultura popular; pelo contrário, situa a instituição escolar, como apropriadamente observa Snyders, "na continuidade entre cultura popular e cultura elaborada"¹⁵. Ao invés de oposição o que constata é um enriquecimento recíproco. Afinal é a escola que cria os intelectuais especialistas de nível mais elevado¹⁶. O que é criticada é a divisão entre a escola clássica e a profissional e sua destinação social, a primeira às classes dominantes e intelectuais e a última às classes instrumentais¹⁷. Como resposta à divisão, verificada em suas análises, entre as especificações "humanistas" e "técnicas" e, levando em consideração "a tendência em desenvolvimento, segundo a qual cada atividade prática tende a criar para si uma escola especializada própria, do mesmo modo como cada atividade intelectual tende a criar círculos próprios de cultura, que assumem a função de instituições pós-escolares, especializadas em organizar as condições nas quais seja possível manter-se a par dos progressos que ocorrem no ramo científico próprio"¹⁸, o que contribui ainda mais para a divisão entre especialistas e povo, na aquisição dos bens culturais, Gramsci propõe uma escola unitária, que nunca é vista isoladamente, mas como parte de um esquema de organização do trabalho cultural, reunindo a teoria e a prática, e constituído por uma série de organizações.

"A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, 'humanismo', em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional) ou de cultura geral deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa"¹⁹. Significa, assim, o estabelecimento de novas relações entre trabalho intelectual e manual, e isso não somente no âmbito restrito da escola, mas na vida social como um todo. "O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo"²⁰.

Analisando as academias e universidades existentes, Gramsci verifica a falta de relação entre si e o distanciamento entre os intelectuais que delas fazem parte e o povo. "Seria útil possuir a lista completa das academias e das outras organizações culturais hoje existentes, bem como dos assuntos tratados em seus trabalhos e publicados em suas "Atas", em grande parte, trata-se de cemitérios da cultura, embora elas desempenhem uma função na psicologia da classe dominante. A colaboração entre estes organismos e as universidades deveria ser muito estreita, bem como sua colaboração com todas as escolas superiores especializadas de qualquer tipo (...) A finalidade consiste em obter uma centralização e um impulso da cultura nacional ..."²¹. Já dentro de um novo contexto, portanto na fase

de construção da Revolução Cultural, "... as academias deverão se tornar a organização cultural (de sistematização, expansão e criação intelectual) dos elementos que, após a escola unitária, passarão para o trabalho profissional, bem como um terreno de encontro entre estes e os universitários"²². Dentro de uma perspectiva de educação integral e permanente, o autor advoga que "... Os elementos sociais empregados no trabalho profissional não devem cair na passividade intelectual, mas devem ter à sua disposição (por iniciativa coletiva e não de indivíduos, como função social orgânica reconhecida de utilidade e necessidade públicas) institutos especializados em todos os ramos de investigação e de trabalho científico, para os quais poderão colaborar e nos quais encontrarão todos os subsídios necessários para qualquer forma de atividade cultural que pretendem empreender"²³.

Sua visão ampla da educação é novamente manifestada quando Gramsci relaciona os serviços públicos intelectuais que, além da escola, devem ser assegurados à população: "O teatro, as bibliotecas, os museus de vários tipos, as pinacotecas, os jardins zoológicos, os hortos florestais etc. É preciso fazer uma lista de instituições que devem ser consideradas de utilidade para a instrução e a cultura públicas e que são consideradas como tais numa série de Estados, instituições que não poderiam ser acessíveis ao grande público (...) sem uma intervenção estatal"²⁴. E justifica: "... serviços intelectuais são elementos de hegemonia, ou seja, de democracia no sentido moderno"²⁵.

O "Jornalismo integral"

No amplo leque aberto pelo esquema de organizações do trabalho cultural empenhadas na Revolução, Gramsci considera o jornalismo como a escola dos adultos²⁶. Chama de Jornalismo integral "... o jornalismo que não somente pretende satisfazer todas as necessidades (de certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, criar seu público e ampliar progressivamente sua área"²⁷. O jornalismo proposto é a expressão de um grupo de que pretende difundir uma concepção integral do mundo, e age, assim, intencionalmente, satisfazendo e criando necessidades e públicos, ampliando sua área e controlando todos os movimentos e centros intelectuais.

No decorrer de sua análise da atividade jornalística são fornecidas estratégias para o funcionamento dessa "escola de adultos". Assim são descritas, detalhadamente, sugestões que procuram satisfazer: o caráter **propriamente popular** (exterior da publicação, a venda estável, adequação de linguagem), o caráter **didático** (guias, apêndices, resenhas de imprensa, títulos, semanários provinciais) e o caráter **abrangente** (rubrica científica,

resenha de estudos econômicos, tradição e suas sedimentações psicológicas, os correspondentes estrangeiros, os suplementos etc.); Todas essas sugestões visam atingir os leitores, que devem ser considerados a partir de dois pontos de vista principais: 1) como elementos ideológicos, 'transformáveis' filosoficamente, capazes, dúcteis, maleáveis à transformação; 2) como elementos 'econômicos' capazes de adquirir as publicações e de fazê-las adquirir por outros ...'²⁸.

Ao abordar a questão da formação dos jornalistas, o autor faz, novamente, ligações com a escola formal, situando-a na esfera da escola profissional, ainda que possa ser solucionada no âmbito das próprias redações²⁹.

O papel da arte

No que se refere ao campo específico da arte como manifestação cultural de um povo, as análises de Gramsci são consideradas por Vázquez, como embasamento para a constatação da fragilidade das falsas concepções de arte popular que geralmente incorrem ou na mistificação comum da identificação da arte popular com a chamada arte de massas — a mais consumida, obedecendo a um critério meramente quantitativo, o que caracteriza a "arte verdadeira" como privilégio antipopular —, ou na consideração de um "populismo artístico", que converte o povo em objeto de representação, apenas superficialmente: — conteúdo epidermicamente ligado ao povo e forma deturpada buscando atender ao "gosto popular" provinciano e regionalista³⁰.

Gramsci recorre a um critério qualitativo para a sua distinção de arte verdadeiramente popular. Sempre centrando sua análise na literatura, ao se propor a questão do porquê e do como uma literatura é popular, o autor afirma que a "beleza", não é suficiente se o conteúdo ideológico não lhe dá a base de sustentação: "A 'beleza' não basta: requer-se um determinado conteúdo intelectual e moral que seja a expressão elaborada e completa das aspirações mais profundas de determinado público, isto é, da nação-povo, numa certa fase de seu desenvolvimento histórico. A literatura deve ser, ao mesmo tempo, elemento atual de civilização e obra de arte; se não for assim, preferir-se-á, à literatura de arte, uma literatura de folhetim, que a seu modo, é um elemento atual da cultura, de uma cultura certamente degradada, mas vivamente sentida"³¹.

Percebe-se assim, a relatividade dada pelo autor ao conteúdo e a forma na criação artística. Se o conteúdo — a base de sustentação — é importante, não é suficiente para assegurar o caráter artístico-popular. A importância dada à forma na expressão artística pode ser bem caracterizada no seguinte texto: "Dois escritores podem representar (expressar) o mesmo momento histórico e social, mas um pode ser artista e o outro

simples ‘borra-botas’. Esgotar a questão limitando-se a descrever o que ambos representam ou expressam socialmente, isto é, resumindo, mais ou menos bem, as características de determinado momento histórico social, significa nem sequer aflorar o problema artístico³². Por outro lado, Gramsci não separa o conteúdo da forma³³. Para ele, “uma obra de arte é tão mais ‘artisticamente popular’ quanto mais seu conteúdo moral, cultural e sentimental for aderente à moralidade, à cultura, aos sentimentos nacionais, e não entendido como algo estático, mas sim como atividade em contínuo desenvolvimento”³⁴.

Como bem observa Carlos Néelson Coutinho, na apresentação de “Literatura e Vida Nacional”, a análise gramsciana “da literatura popular, dos gostos e da visão do mundo nela expressos, são um modelo metodológico para uma pesquisa marxista das formas e do conteúdo da ideologia das massas”. No entanto — prossegue o mesmo autor — “quando ele aborda, de passagem, categorias estéticas, tende quase sempre a fazê-lo sob a inspiração de um historicismo idealista, bastante influenciado — ainda que de modo contraditório — pela ‘dialética’ idealista de Croce”. Corroborando Néelson Coutinho, eu próprio observo que, inclusive quando trata da arte educativa Gramsci cita Croce, na sua “Cultura e Vida Moral”, concordando que “A arte é educativa enquanto arte, mas não enquanto ‘arte educativa’, porque neste caso ela é nada e o nada não pode educar”³⁵. A arte exige, pois, um descomprometimento traduzido na liberdade de criação, fundamento para a expressão real de seu conteúdo. A liberdade da criação artística, entretanto, não leva o pensador a vê-la como obstáculo à formação de correntes culturais que reflitam o momento histórico e reforçam correntes políticas: “Admitindo o princípio de que, na obra de arte, deva-se buscar tão-somente o caráter artístico, nem por isso é excluída a investigação de qual seja a massa de sentimentos, de qual seja a atitude diante da vida que circula na própria obra de arte”³⁶.

O distanciamento e o não comprometimento da produção no plano das idéias, do conteúdo, tão ressaltado quando o autor trata da obra de arte enquanto manifestação estética, são superados na análise do papel a ser desempenhado pela crítica literária. “... esta crítica deve fundir a luta por uma nova cultura, isto é, por um novo humanismo, a crítica dos costumes, dos sentimentos e das concepções do mundo, com a crítica estética ou puramente artística; deve realizar esta fusão com fervor apaixonado, ainda que na forma de sarcasmo”³⁷. O crítico é pois um militante, comprometido com uma filosofia.

Os intelectuais e a cultura popular

A importância da ligação entre os intelectuais e o povo é destacada por Gramsci sobretudo quando procura analisar as razões pelas

quais, não se difundiu na Itália, a exemplo de outros países, uma cultura nacional. Para ele, esses intelectuais não estabeleceram um vínculo orgânico com o povo, excluindo-o da vida cultural e política, ao não se empenharem na elaboração de uma cultura nacional popular, mas, pelo contrário, projetarem-se para a cultura externa, cumprindo uma função cosmopolita. A hegemonia exercida pelos intelectuais estrangeiros devido a não-existência na Itália de um bloco nacional intelectual e moral, nem hierárquico, nem igualitário, causada pela desarticulação e pelo distanciamento entre as aspirações, necessidades e sentimentos do povo e a produção e atuação dos intelectuais italianos, é enfatizada por Gramsci, principalmente com relação à literatura, mas “a questão deve ser estendida a toda a cultura nacional popular e não se restringir apenas à literatura narrativa: o mesmo deve ser dito do teatro, da literatura científica em geral (ciências naturais, história etc.)”³⁸

Laurana Lajolo observa com propriedade que, na sua análise da literatura e das manifestações artísticas em geral, Gramsci preocupa-se em detectar as possíveis influências da arte no gosto do povo, procurando distinguir as contribuições positivas, mesmo diante dos velhos preconceitos e da resistência conservadora³⁹. O respeito ao povo, fonte e destinatário da arte, a quebra de preconceitos e a luta contra os interesses econômicos são sempre destacados pelo pensador italiano, atento a todas as manifestações artísticas. Analisando os comentários de que o cinema (nessa época o cinema era mudo) estaria matando o teatro em Turim, roubando público e provocando o fechamento de casas de espetáculo, Gramsci critica as opiniões fundadas num “esteticismo doentio”, segundo as quais o gosto do público estaria degenerando, e coloca a causa econômica para a atração exercida pelo cinema junto ao público: “Falar de vulgaridade, de banalidade é tola retórica. Os que crêem verdadeiramente na função artística do teatro deveriam, pelo contrário, estar felizes com esta concorrência. Pois ela serve para precipitar as coisas, para trazer de volta o teatro ao seu verdadeiro caráter”⁴⁰. Pondera na necessidade da diversão pura e simples, mas que o teatro, tendo em vista a bilheteria, vinha buscando satisfazer somente esta necessidade, transformando-se em negócio, “um armazém de mercadorias baratas”. A subsistência do teatro, segundo a sua concepção, ocorreria se o extraordinário em termos de qualidade de montagens se transformasse em habitual.

O conceito de cultura popular de Gramsci não é populista, pois não se verifica uma imposição de modelos, nem conformista, pois supõe a crítica da base popular — o folclore. Este deve ser visto “... como ‘concepção do mundo e da vida’, em grande medida implícita, de determinados estratos (determinados no tempo e no espaço) da sociedade, em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções do mundo ‘oficiais’ (ou, em sentido mais amplo, das partes cultas das sociedades historicamente determinadas), que se sucederam no

desenvolvimento histórico⁴¹. Essa "concepção do mundo e da vida" é dinâmica, recebendo continuamente novos elementos, no mais das vezes desfigurados, de noções científicas e opiniões externas ao seu contexto. Assim, "o folclore não deve ser concebido como algo bizarro, mas como algo muito sério e que deve ser levado a sério"⁴².

O novo intelectual não deve ter nenhuma atitude negativa com relação ao folclore, mas manter com relação a ele uma postura crítica. Gramsci é categórico: "A premissa da nova literatura não pode deixar de ser histórica, política, popular: deve tender a elaborar o que já existe, não importa se de modo polêmico ou de outro modo qualquer; o que importa é que aprofunde suas raízes no *humus* da cultura popular tal como é ..."⁴³. A cultura das classes subalternas não é, como alguns puristas querem fazer crer uma cultura autônoma e alternativa para a cultura hegemônica. Gramsci analisa sua heterogeneidade, as influências da classe dominante, as persistências de práticas de civilizações anteriores, e de sugestões advindas da própria condição de opressão⁴⁴. Não descarta a análise das obras comerciais, para o estabelecimento da história da cultura, pois o sucesso desses produtos indica a "filosofia da época", "que massa de sentimentos e de concepções do mundo predomina na multidão silenciosa"⁴⁵. Na visão de Luciano Gruppi, "O que ele propõe, por conseguinte, é uma nova relação cultura — massas, intelectuais — massas; o que propõe não é uma cultura de classe, isolada em si mesma, que se contraponha como bloco estanco a outra cultura, mas sim a visão de nova hegemonia cultural, que se constrói na relação crítica com a cultura tradicional, com a assimilação de suas contribuições, com a conquista de novas aquisições, no quadro de uma concepção do mundo"⁴⁶.

O movimento cultural, na busca do seu caráter nacional popular, deve procurar alcançar a totalidade da nação e os estratos mais amplos do povo, encarados não como simples objetos, mas como sujeitos, dentro de uma perspectiva educacional, no sentido de formar determinada concepção da realidade. Consciente das dificuldades para a implantação de novas convicções nas massas populares, principalmente quando essas se encontram em contradição com as da classe dominante, Gramsci observa algumas necessidades para todo movimento cultural que busque a superação do senso comum e das velhas concepções do mundo: "1) não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos (variando literalmente a sua forma): a repetição é o meio diático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2) trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para se tornarem os seus sustentáculos"⁴⁸.

CONCLUSÃO

A questão cultural e a necessidade da militância cultural tendo em vista a "reforma intelectual e moral", estão presentes em toda a obra de Gramsci, desde a juventude até o Cárcere, e longe de constituir mero entusiasmo juvenil, pela ligação teórica e prática com a produção cultural, foram sendo depuradas pelas análises críticas de suas experiências enquanto militante. Seus escritos não se restringem ao plano teórico, mas também oferecem contribuições de possíveis estratégias organizacionais, examinando a estrutura e sugerindo mudanças nas organizações já existentes, ou operacionais, para que os veículos de comunicação — em especial o jornal —, contribuam, como educadores, na criação de condições para que a Revolução Cultural se efetive e uma nova ordem intelectual e moral seja estabelecida.

Movimento intencional, a Revolução Cultural exige disciplina e organização, mas, nem por isso é imposta, e nem teria condições para sê-lo. Ao mesmo tempo que Gramsci reconhece a importância da reforma moral e intelectual, ou seja, a modificação na consciência do homem, para que qualquer mudança histórica significativa possa acontecer, não ignora que esse processo depende de uma série de circunstâncias históricas. O movimento é desencadeado junto aos "simples", com eles, a partir de sua vivência, e os intelectuais organicamente ligados ao processo, para desempenharem seu papel pedagógico precisam mergulhar — na feliz expressão de Gramsci — no "humus" da cultura popular, expressão essa que caracteriza a grande contradição: é o próprio produto decomposto das bases populares — o folclore —, amalgamado com detritos da ideologia dominante e com os restos da cultura erudita, que constitui a fonte geradora, de onde deverá germinar a Revolução Cultural.

Essa Revolução comporta, assim, duas fases relacionadas: a destruição e a construção, sendo que Gramsci privilegia o segundo aspecto. Com relação à arte em especial a questão é sobremaneira controversa e imprevisível, pois uma arte nova deverá nascer do novo tipo de relações entre homem e realidade⁴⁸. A imprevisibilidade da nova cultura enquanto produto gerado numa nova ordem social, não se restringe à arte, mas a toda produção cultural, como pode ser verificado no texto de Gramsci, escrito em 1921, que abre este trabalho. Dessa forma, a reforma intelectual e moral não se basta, mas somente se justifica, se considerada como elemento de preparação para mudanças, concomitantes ou posteriores, na frente econômica e na frente política.

Embora o desenvolvimento verificado nos últimos anos no setor técnico das comunicações sociais tenha-se processado de maneira acelerada, o pensamento de Gramsci não se mostra ultrapassado, mas atual

e de grande contribuição para a análise dos componentes da chamada “indústria cultural”, da extinção de práticas culturais tradicionais, da invasão no campo dos costumes, ou, em síntese, para a reflexão sobre os efeitos da dominação cultural interna e externa de um povo.

A Revolução Cultural proposta por Gramsci, o distingue como teórico das possibilidades e estrategista dos meios pelos quais, mesmo numa situação adversa, onde impera a exploração, um movimento revolucionário pode ser preparado e ganhar corpo; e isso não seria possível sem o destaque que é dado ao aspecto cultural das relações sociais, na sua contribuição para as mudanças históricas. Aos educadores, situados dentro ou fora da instituição escolar — jornalistas, artistas, animadores culturais etc. — compete, longe do imobilismo justificado pela existência de uma ordem social adversa, contribuir, interagindo na vida cultural e política, procurando construir um vínculo orgânico com o povo, na busca da renovação democrática e humanista — no conceito gramsciano — da cultura e da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- COUTINHO, Carlos Néelson. **Gramsci**. Porto Alegre, LEPM, 1981, 232 pp.
- GRAMSCI, Antonio. **Cartas do Cárcere**. trad. Noêmio Spínola. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 420 pp.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. trad. Carlos Néelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981, 341 pp.
- GRAMSCI, Antonio. **Literatura e Vida Nacional**. trad. Carlos Néelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 273 pp.
- GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. trad. Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980, 444 pp.
- GRAMSCI, Antonio. **Obras Escolhidas**. trad. Manuel Cruz. São Paulo, Martins Fontes, 1978, 421 pp.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. trad. Carlos Néelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, 244 pp.
- GRUPPI, Luciano. **O conceito de Hegemonia em Gramsci**. trad. Carlos Néelson Coutinho, 2ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 1980, 143 pp.
- INSTITUTO GRAMSCI. **Política e História em Gramsci** — vol. I. Coordenação de Franco Ferri, trad. Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 257 pp.

- JOLL, James. **As Idéias de Gramsci**. trad. James Amado. São Paulo, Cultrix, 1979 — 99 pp.
- LAJOLO, Laurana. **Antonio Gramsci — uma vida**. trad. Carlos Nélon Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1982 — 150 pp.
- MACCHIOCCHI, Maria-Antonietta. **A favor de Gramsci**. trad. Angelina Peralva. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980 — 301 pp.
- MANCUSO, Dionéia. “A Função Orgânica dos Intelectuais”. **Comunicação e Sociedade**. São Paulo, Cortez ? Moraes — IMS, julho de 1979, nº 1. pp. 18 — 22.
- PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977 — 142 pp.
- SILVA, Jefferson Ildefonso. **A formação da nova cultura — uma leitura da obra de Gramsci**. São Paulo, PUC., 1980 — mimeografado.
- SNYDERS, Georges. “Gramsci como antídoto de Illich”. In: **Escola, Classe e Luta de Classes**. 2ª edição. Lisboa, Moraes, 1981 — 406 pp., pp. 279/285.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. “A Arte Verdaderamente Popular”. In: **As idéias estéticas de Marx**. trad. Carlos Nélon Coutinho, 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, pp. 301/311.

NOTAS:

- (1) Antonio Gramsci. **Literatura e Vida Nacional**. p. 29.
- (2) Carlos Nélon COUTINHO e Leandro KONDER. “Nota sobre Antonio Gramsci”, in: Antonio GRAMSCI. **Concepção Dialética da História**. p. 6.
- (3) Apud James JOLL — **As Idéias de Gramsci** — p. 25.
- (4) Antonio GRAMSCI — **Concepção Dialética da História** — p. 18
- (5) Ibid. pp. 13/14.
- (6) Cf. ibid. p. 20.
- (7) Antonio GRAMSCI. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. p. 9.
- (8) Antonio GRAMSCI. **Concepção Dialética da História**. p. 37.
- (9) Maria-Antonietta MACCHIOCCHI. **A Favor de Gramsci**. p. 205.
- (10) Antonio GRAMSCI. **Concepção Dialética da História**. p. 22.
- (11) Antonio GRAMSCI. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. p. 9.
- (12) Ibid. p. 23.
- (13) Antonio GRAMSCI. **Concepção Dialética da História**. p. 29.
- (14) Ibid. p. 37.
- (15) Georges SNYDERS. **Escola, Classe e Luta de Classes**. p. 278.
- (16) Antonio Gramsci. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. p. 117.

- (17) Ibid. p. 118.
- (18) Ibid. p. 119.
- (19) Ibid. p. 121.
- (20) Ibid. p. 125.
- (21) Ibid. pp. 126 — 127.
- (22) Ibid. p. 125.
- (23) Ibid. pp. 125 — 126.
- (24) Ibid. p. 152.
- (25) Ibid. p. 153.
- (26) Ibid. p. 191.
- (27) Ibid. p. 161.
- (28) Ibid. p. 163.
- (29) Ibid. p. 192.
- (30) Adolfo Sánchez VÁZQUES. *As idéias Estéticas de Marx*. pp. 301 — 303.
- (31) Antonio GRAMSCI. *Literatura e Vida Nacional* — p. 90.
- (32) Ibid. p. 5.
- (33) Cf. *ibid.* p. 8.
- (34) Ibid. p. 27.
- (35) Ibid. p. 10.
- (36) Ibid. p. 11.
- (37) Ibid. p. 6.
- (38) Ibid. p. 107.
- (39) Laurana LAJOLO — Antonio Gramsci — uma vida, p. 128.
- (40) Antonio GRAMSCI. *Literatura e Vida Nacional*. p. 205.
- (41) Ibid. p. 184.
- (42) Ibid. p. 186.
- (43) Ibid. p. 15.
- (44) Luciano GRUPPI. *O conceito de Hegemonia em Gramsci*. p. 91.
- (45) Antonio GRAMSCI. *Obras Escolhidas*. p. 374.
- (46) Luciano GRUPPI. *op. cit.*, p. 88.
- (47) Antonio GRAMSCI. *Concepção Dialética da História*. p. 27.
- (48) Maria-Antonietta MACCIOCCHI, *A favor de Gramsci*, p. 212.